

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*)

HANSEN (Karl Heinz). — *Primeiro Encôntro com a Arte* (Pequena introdução ao estudo das Artes Plásticas). São Paulo. Edições Melhoramentos. Tradução de Rodolfo Fredenfeld. 129 pp.

Numa revista destinada em grande parte aos professores de História do Curso Secundário não seria de se estranhar que ao lado de resenhas de obras especializadas que servem de consulta exclusiva do professor, se fizesse um comentário sobre um livro de caráter puramente didático. Trata-se do livro *Primeiro Encôntro com a Arte*, de Karl Heinz Hansen.

Sempre lastimamos no ensino de História a lacuna e o silêncio que tem rodeado tudo o que se refere à História da Arte. Infelizmente, por mais que se tenha escrito e combatido nos últimos anos, a História política continua a predominar no nosso ensino. Isso salta aos olhos: basta que se tenha em mãos um desses manuais usados no ensino secundário. Quando muito os autores se limitam a registrar, de maneira cansativa e desinteressante, o nome dos principais pintores e escultores e suas obras. Dos músicos, nem falar, que esses estão praticamente ausentes na nossa História Geral.

A essa deficiência dos manuais somemos a falta de preparo, nesse setor, da maioria dos professores. No que refletem, aliás, um defeito da cultura do brasileiro em geral. Não nos cabe aqui analisar as causas desse fenômeno. O fato é que ele existe e repercute de maneira perniciosa sobre a Educação. Poucos entre nós, entretanto, reconhecem isso. Em contraposição observamos que em outros países esse aspecto do ensino tem sido considerado importantíssimo. Sem falar dos que como a Itália e França, onde a concentração de monumentos e obras de arte da mais variada espécie e por toda parte, a facilidade de acesso ao grande número de museus e galerias existentes oferecem ao público em geral a oportunidade de se familiarizar com a arte de todos os tempos; em quase todos os países europeus esse ensino é feito de maneira sistemática. As crianças desde as primeiras séries do curso secundário freqüentam museus, acompanhadas pelos professores e se iniciam no convívio com as obras de Arte. Por outro lado os pequenos livros de divulgação facilmente utilizáveis pelos estudantes são numerosos e de baixo preço. Abre-se assim para eles um mundo inestimável de valores novos, enriquecendo-se assim a sua personalidade, tornando a vida mais significativa.

Quão diversa é a nossa situação. Dificuldades de material, falta de livros didáticos e até bem pouco tempo deficiência de museus.

(*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

A situação inegavelmente tem melhorado muito nos últimos anos, principalmente depois da criação em São Paulo do Museu de Arte e do Museu de Arte Moderna, a multiplicação das Galerias e o funcionamento da Secção de Arte da Biblioteca Municipal que possui um ótimo acervo de obras sobre Arte em geral, bem como as das Faculdades de Arquitetura. Mas se os meios disponíveis, embora ainda insuficientes, foram muito aumentados e o interesse pela Arte paralelamente cresceu nos meios paulistas, o reflexo que seria de se desejar sobre o ensino secundário não se verificou. E' bem verdade que a necessidade de alargar esse campo de conhecimento foi reconhecida até pelos próprios programas que principalmente no Curso de Colégio acentuam os aspectos econômico, social, literário e *artístico da* História da Humanidade. Mas da intenção à prática vai uma longa distância.

E porque não lembrar mais um aspecto do problema: o ideal proposto pela UNESCO de um ensino da História a serviço da compreensão internacional e da paz? Quaisquer que sejam as críticas que possamos fazer-lhe, na sua idéia essencial ele permanece válido. Não, divertir a História, deformá-la, apenas, apresentá-la de maneira a frisar os aspectos positivos das relações entre os povos, da difusão da cultura, das contribuições recíprocas, através dos séculos. E isso não seria jamais conseguido com o estudo exclusivo da História Política. Ao contrário. Esta em geral tem servido como memória escrita a alimentar ódios tradicionais, a serviço de exacerbados nacionalismos e falsos conceitos de superioridade racial.

Não queremos com estas observações justificar a necessidade do estudo da História da Arte, que ela por si mesma se justifica. São apenas divagações que nos vieram à mente ao ter em mãos esse livro que vem contribuir para remover uma das dificuldades com que contam os professores de História do curso secundário: a inexistência de bibliografia em português, acessível ao aluno médio, sobre questões de História de Arte.

Escrito numa linguagem simples, contando uma introdução onde são apresentados alguns problemas de ordem geral sobre pintura, destinada àquêles que não possuem qualquer conhecimento, apresenta uma seleção de 127 estampas reproduzindo alguns dos momentos da evolução da pintura (nada sobre escultura e arquitetura); uma rápida explicação de algumas técnicas gráficas: gravura em cobre, água forte, xilogravura, litografia e finalmente um resumo cronológico abrangendo considerações, embora muito superficiais, sobre arte dos egípcios aos nossos dias. Para concluir uma breve cronologia com o nome dos principais representantes da pintura na Europa Ocidental, do século XII a 1950. Poderíamos aqui criticar a seleção feita pelo autor ou a ordenação das estampas, lastimar a inexistência de gravuras coloridas (apenas uma é em cores, todas as demais em branco e preto) ou por vezes sua insuficiente nitidez e o esquecimento de alguns representantes de alto valor na História da Arte. Caravaggio, por exemplo, pela sua repercussão ou El Greco, para citar apenas um dos nossos preferidos — foram deixados de lado quando aparece por exemplo um discípulo de Rembrandt (estampa 55). Mas a verdade é que não há no livro propriamente o desejo de estudar a pintura através dos tempos, mas iniciar os leitores na sua compreensão e análise. O que desejamos entretanto, não é criticar; isso sempre é fácil, mas acentuar os lados positivos da obra. Quaisquer que sejam os reparos que possamos fazer (e alguns dos defeitos

apontados seriam facilmente justificáveis. Por exemplo: a má qualidade das estampas — o que se impõem pela necessidade de publicação a baixo custo), é com prazer que chamamos a atenção para mais essa louvável iniciativa da Companhia Melhoramentos, trazendo ao nosso público de jovens estudantes um livro capaz de despertar interesse por esses assuntos. Insuficiente ainda, talvez em alguns aspectos deficiente, mas uma ótima iniciativa. Recomendamo-lo aos professores do curso secundário. Não para que se sirvam dele como obra de consulta pessoal, mas para que possam colocá-lo à disposição dos alunos. E nesse sentido ele é imprescindível na biblioteca de um professor de História. Façamos votos para que esse empreendimento receba o devido apóio e que ao *Primeiro Encôntro com a Arte* se sigam muitos outros (1).

EMILIA COSTA NOGUEIRA

HALKIN (Léon-E.). — *Initiation à la Critique Historique*. Cahiers des Annales, 2a. ed. Armand Colin ed., Paris, 1953, 191 pp.

Embora o meu “ofício” não seja propriamente o do historiador, acanhado, portanto, em invadir seara alheia, não me furto ao prazer e à tentação de assinalar nesta *Revista*, o livro do Prof. Léon-E. Halkin, da Universidade de Liège. E a isso sou levado porque verifico, freqüentemente entre nós, um fato curioso: a grande atração, a verdadeira fascinação que sobre nós exercem as *filosofias da história*, filosofias estas de que muito suspeitam os historiadores e das quais também desconfiam — como aliás convém — os filósofos. E’ certo que elas nem sempre nascem de uma exata noção do *histórico* e nem sempre apresentam o sentido crítico que é característico próprio do *filosofar*. E’ isso, pois, que me leva, sem cerimônia, a invadir uma seara na qual tenho trabalhado um pouco mas que, afinal, não é a minha; é isso que me leva a sublinhar a importância deste livro que já vai na segunda edição e do qual só tive conhecimento há pouco.

Sem dúvida, o trabalho do Prof. Halkin merecia nota mais longa e mais minuciosa e não apenas a breve indicação que passo a fazer. Não quero, porém, retardar a apresentação de tão importante instrumento do trabalho como é o livro do Prof. Halkin, ao qual Lucien Febvre chama, justamente, de: “*Iniciação sem pedantismo à crítica histórica*” (p. 3). Aliás, aproveito a oportunidade para lembrar, também, de passagem, um outro livro que é grande e excelente lição de história, — o de Lucien Febvre, *Combats pour l’Histoire* (Armand Colin ed. Paris, 1953, 458 pp.) ao qual talvez ainda me referirei em outra ocasião. Este trabalho do grande mestre que é Lucien Febvre é uma das melhores introduções que conheço ao difícil “ofício” de historiador. Livros como este, inteligentes e vivos, ensinam a formar historiadores.

O que desde logo seduz no livro do Prof. Halkin — e isso nunca é demais relembrar e repetir no nosso meio... — é a sua simplicidade. O Prof. Halkin não se perde num mundo de idéias pseudo-filo-

(1). — A título de sugestão lembramos o livro de Georg Warnecke: *Kunstgeschichtliches Bilderbuch für Schule und Haus*, publicado em 1927 por Alfred Kröner em Leipzig — Publicado entre nós completaria o primeiro, pois abrange escultura, arquitetura, pintura, possuindo também numerosas reproduções.